

Fig 5

# Desenho forense: a importância do registo gráfico no contexto da investigação criminal

MARINA GUEDES

#5

Partindo da consciência de que o desenho inserido na área das ciências forenses representa um campo permeável à investigação, e tendo este sido apenas superficialmente explorado até à data, surge o estímulo e a vontade de analisar a história e os contornos da imagem criada a partir do crime – a imagem que o estuda, explica e revela. Neste sentido, o ensaio teórico que aqui se apresenta reflecte sobre a importância da representação gráfica no âmbito da investigação criminal. É através dos mecanismos e da prática do desenho que se procura desvendar as potencialidades desta ferramenta na ilustração e compreensão de um determinado crime. Ao longo deste artigo procurar-se-á definir o modo como o desenho se posiciona perante a investigação, salientando as suas valências na resolução de um processo crime.

Palavras-chave: desenho, crime, ciências forenses, investigação criminal

*Assuming that drawing, as part of Forensic Sciences, is permeable to scientific investigation, and considering that drawing, as such, has only been scientifically treated in a very superficial way (up to this moment), there is a need to analyse the story and the silver linings of the image created from a particular crime – the image that studies, explains and reveals (and unveils) the crime. According to this, the article addresses the importance of graphic representation in the field of criminal investigation. In fact, through the mechanisms and the act of drawing it is intended to unveil all the capabilities of this tool in the illustration and understanding of a particular series of crimes. Throughout this study we searched to define the role played by the drawing as part of the investigation, highlighting its potential in the process of solving a crime.*

*Keywords: drawing, crime, forensic science, criminal investigation*

Considerado por Massironi como um instrumento dócil, o desenho manteve-se sempre ao alcance de todos aqueles que dele se serviram para erguer as suas obras. A primazia dos materiais, na sua grande maioria bastante rudimentares, conferiu-lhe uma certa versatilidade capaz de se imiscuir numa diversidade de áreas, com o propósito de legitimar as suas funções e evidenciar as potencialidades do seu carácter utilitário. (Massironi, 1982)

É importante reconhecer no desenho a capacidade de comunicar uma ideia independentemente de se validar ou não o propósito para a sua formalização. Da acção poderão resultar os ingredientes necessários para o desenvolvimento de um determinado projecto, espicaçado pelo desenho, que se insurge como um catalisador de sugestões facilmente ensaiadas e encenadas na folha de papel.

Actualmente é reconhecido o papel que o desenho desempenha na sociedade, não só através das áreas que dele se alimentam, mas também na escrita e nos rabiscos displicentemente desenhados sobre a folha de papel quando pretendemos explicar entre traços um determinado assunto. Também o desenho sobrevive muitas vezes do impulso imediato, das garatujas que num pedaço de papel formalizam ideias e pensamentos.

A presença constante desta ferramenta versátil torna-se incontornável durante o processo comunicativo. Será a partir desta premissa que se pretende abordar o propósito e as implicações do desenho inserido no universo das ciências forenses, evidenciando e questionando o uso e a pertinência do processo desenhativo como um meio de análise válido na investigação de crimes.

Neste contexto apresentam-se algumas representações históricas que procuram alargar o espectro do desenho inserido no âmbito das ciências forenses, debatendo o modo como estas imagens se relacionam com o universo do crime.

Respeitando a cronologia dos eventos, analisa-se em primeiro lugar um conjunto de desenhos do século XIX pertencentes ao espólio da biblioteca do estado da Virgínia – The Library of Virginia. Dos inúmeros mapas patentes na sua colecção, apresenta-se uma secção denominada “plats” que as-

Fig. 1 Autor desconhecido, desenho relativo ao homicídio de James Rogers, 1869.

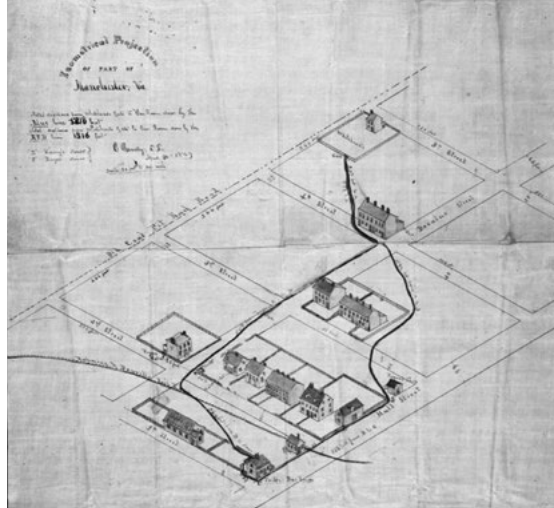
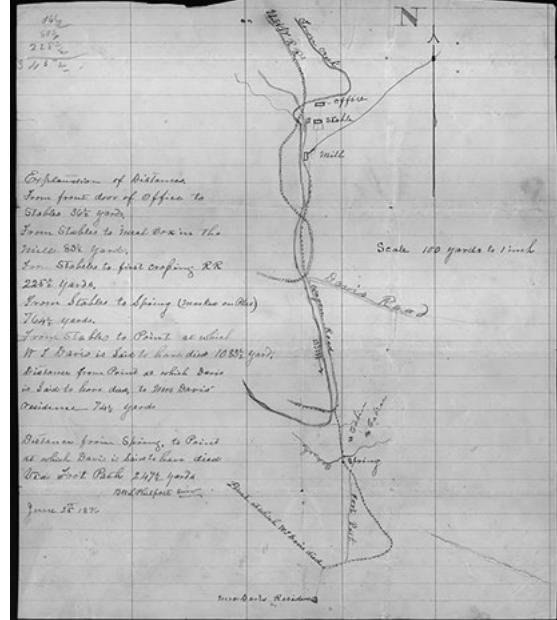


Fig. 2 Autor desconhecido, Commonwealth v. Wade W. Lester, 1897.



04

senta na recolha de cartografias sobre a geografia local e a sua evolução ao longo dos séculos. Nesta compilação, encontra-se um conjunto de imagens associadas à investigação de vários homicídios, que exploravam inicialmente as potencialidades do desenho na documentação gráfica de locais e trajetórias, para posteriormente serem apresentadas ao júri em tribunal. (Smith, 2011)

A necessidade de visualizar o local do crime e a relação que este mantém com os elementos que o compõem, despoletou a presença desta ferramenta no contacto com a esfera criminal. Antes do aparecimento da fotografia, o desenho era a única forma de registar o contexto da ocorrência e torná-lo visível aos olhos da justiça. Esta supremacia permitia-lhe não só o registo evidente e geográfico do crime, mas também a orientação do júri na leitura dos acontecimentos.

A Fig.1 exemplifica este tipo de manifestações gráficas. Assente na geografia de Manchester, encontra-se um desenho relacionado com o homicídio de James Rogers. Segundo os registos apresentados pela The Library of Virginia, este grafismo data de 1869 e procura revelar ao júri a existência de duas rotas situadas entre a casa de Richard H. Whitehead, o presumível homicida, e a taberna onde se deu o tiroteio que acabou por vitimar James Rogers.

Ao analisar a imagem compreende-se que esta representa o local do crime do qual se destaca a casa de Whitehead e a taberna, ambas sinalizadas a amarelo no desenho. A acompanhar o registo topográfico, encontra-se o delineamento de dois percursos assinalados com cores distintas – um a vermelho e o outro a azul, que marcam, numa primeira abordagem, a relação de proximidade considerada entre o local do crime e a residência do homicida. Na tentativa de descodificar a importância destes grafismos, sublinhando o facto de se desconhecer o que está por detrás do seu delineamento, considera-se que estes poderão assinalar o trajecto utilizado por Richard Whitehead para chegar à ta-

berna (marcado no desenho a azul) e o caminho de regresso a casa após o tiroteio (marcado no desenho a vermelho).

Esta noção poderá ser validada no contexto do próprio desenho quando se verifica que o percurso assinalado a vermelho marca a fuga de Whitehead da taberna. Ao observar a trajetória, compreende-se que o homicida evita passar pela entrada principal do edifício, optando por contornar as suas traseiras e prosseguir num caminho alternativo que se resguarda, em determinados pontos, das estradas principais demarcadas no mapa. Desta forma, a linha vermelha denuncia a fuga do homicida, cuja trajetória terá sido em princípio reconstruída a partir de relatos de testemunhas oculares e eventuais vestígios deixados ao longo do percurso.

Recorrendo a esta representação o júri conseguiu compreender a factualidade subjacente ao homicídio, verificando o *modus operandi* de Whitehead, evidenciado pelas trajetórias demarcadas no mapa. De um modo conciso e eficaz, o desenho representa a súmula da investigação levada a cabo pela polícia, ilustrando deste modo a história por detrás da morte de James Rogers.

A utilização deste tipo de desenhos permitia complementar e comunicar os resultados apurados pela polícia, tornando os contornos do crime visualmente acessíveis. Resultante da acumulação de vestígios, testemunhos e eventuais documentos escritos, o desenho permite agregar a informação resultante da investigação para demonstrar graficamente cenários e teorias numa audiência em tribunal.

Diante destas valências, analisa-se outro desenho com contornos muito particulares. Na sequência de uma acusação que envolveu a morte de um trabalhador por envenenamento, o tribunal apresentou um desenho (Fig. 2) que ilustra o per-

Fig. 3 Autor desconhecido, The Atlanta Journal, 1913.



#5

curso sinuoso seguido pelo sujeito intoxicado entre o moinho onde trabalhava e a sua residência. Num registo gráfico que se distingue da imagem anteriormente analisada, este desenho foca-se apenas na trajectória de Davis assinalada com um traço interrompido. A sua finalidade manifesta-se na acção de mapear o seu percurso até casa, identificando o local da sua morte – “point at which W. Y. Davis died” e o registo da distância percorrida até casa definido em “74 1/2 yards” – aproximadamente 68 metros.

Com o intuito de completar a informação transmitida pelo desenho, encontra-se um corpo de texto que visa orientar a leitura do percurso, assinalando a distância registada entre os locais de maior relevância para a investigação deste homicídio – o escritório, o estábulo, o moinho e a residência. Este tipo de anotações permitia completar o levantamento geográfico, consolidando a informação gráfica com as normas e os processos intrínsecos à investigação do crime.

Muito embora se desconheça qual a importância e o valor que este tipo de registo deteve na apreciação do homicídio de Davis em tribunal, considera-se que o seu conteúdo representa uma realidade de indícios deduzida pela investigação criminal. Na tentativa de analisar o percurso que conduziu à morte de Davis, o desenho traduz e revela os procedimentos implícitos na descodificação da história por detrás do crime – o levantamento gráfico do local do crime, a percepção do percurso que levou ao homicídio e a anotação das distâncias entre pontos fulcrais. Esta particularidade viria a estabelecer o vínculo entre o desenho e actividade policial, marcando a evolução da sua presença no contexto da investigação criminal.

Apesar destes desenhos participarem activamente na documentação do crime, era bastante comum encontrar exemplares semelhantes nos jornais. A sua utilização servia para ilustrar as notícias associadas à divulgação de alguns crimes. De acordo com o mediatismo criado em torno deste tipo de acontecimentos, a imprensa procurava acompanhar com desenhos a evolução da investigação. O caso que remonta à morte de Mary Phagan demonstra a relação que o desenho mantinha, não só

com a investigação do delito e a sua apresentação gráfica em tribunal, mas também com a ilustração das notícias que lhe estavam associadas.

A 28 Abril de 1913, era noticiado no *The Atlanta Journal* o homicídio de Mary Phagan. Na primeira página (Fig. 3) aparecia em destaque a sua fotografia e um desenho que procurava elucidar o leitor sobre os meandros por trás do crime. Relatava-se uma das muitas teorias que viriam a pautar a investigação deste caso, desencadeado com a morte de Phagan e encerrado com o linchamento do alegado homicida Leo Frank. (Associated Press, 1913, p.1)

Num acumular de informações contraditórias, a história constrói-se a partir do momento em que Mary Phagan se dirige à fábrica de lápis onde trabalhava para receber o seu ordenado. Dentro do edifício, a vítima dirige-se ao gabinete de Leo Frank – o gerente da companhia, e a partir desse instante não se consegue precisar o que aconteceu. O seu corpo seria posteriormente encontrado pelo vigilante da fábrica, na cave do armazém, já sem qualquer sinal de vida.

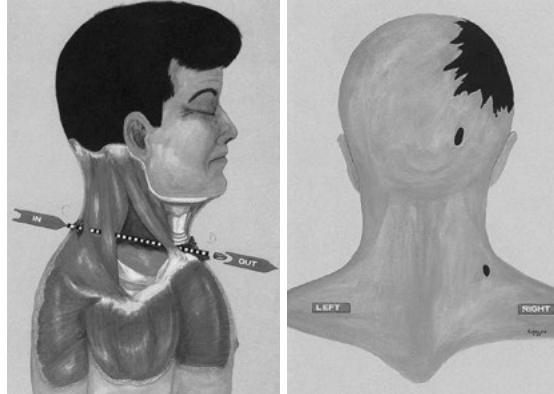
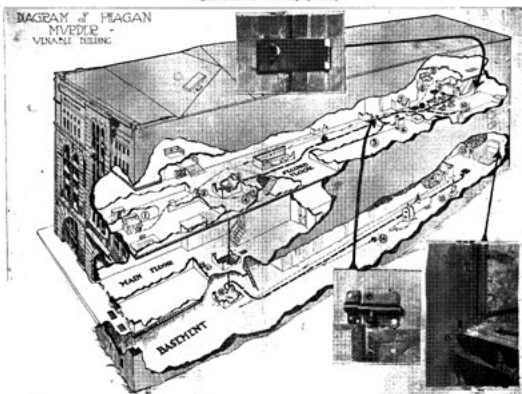
A denúncia feita à polícia rapidamente se fez ressoar nos meios de comunicação social que inundaram as páginas dos jornais com relatos e teorias sobre o que se teria passado no dia em que Mary Phagan morreu. As notícias associadas à sua morte eram pontualmente acompanhadas por alguns desenhos que procuravam explicar a lógica por trás da investigação e as sucessivas versões dos diferentes intervenientes no crime.

Na página do *The Atlanta Journal* encontra-se uma dessas representações. O diagrama apresentado faz um levantamento da planta da fábrica, identificando os locais onde teria decorrido a acção – o segundo piso e a cave. Seria a partir do seu reconhecimento que se encontravam os elementos mais preponderantes para a investigação do crime – o escritório de Leo Frank (“offices”), o local onde foi encontrado o corpo (“basement”) e a oficina de trabalho (“machine room”) no qual se recolheram vestígios de cabelo e sangue pertencentes à vítima.

O título do desenho – “Diagram shows how girl was murdered and dragged to basement”, enuncia-va o princípio da teoria resultante da investigação.

Fig. 4 Autor desconhecido, State's Exhibit, 1913.

Fig. 5 H. A. Rydberg, Warren Commission exhibits 385, 386, 1963.



04

Mary Phagan teria sido morta na oficina de metal, atendendo aos vestígios biológicos encontrados no local, e depois deslocada até à cave onde foi posteriormente encontrada. (Associated Press, 1913, p.1)

Aliado à planificação dos espaços, encontra-se ainda um desenho enquadrado num círculo. No seu interior explica-se com algum detalhe o pormenor do cabelo depositado em cima de um torno situado na oficina de metal. Estruturado a partir de uma representação em perspectiva, este assume-se quase como uma imagem captada a partir de uma lupa de detective que localiza e aumenta a relevância da prova. Neste exercício de aproximação, faz-se através do desenho uma chamada de atenção ao leitor. Ao enfatizar a presença do cabelo no torno, determina-se a importância deste vestígio para a investigação, corroborando a teoria relatada na notícia – ver para crer.

Com base neste exemplar compreende-se que a utilização do desenho se aproxima de uma vertente ligada à documentação e exploração da representação gráfica, utilizada no âmbito da investigação judiciária. Esta aproximação permitia canalizar a utilização do desenho a partir de duas funções distintas – como elemento gráfico capaz de acompanhar o discurso implícito na divulgação pública do crime e como uma ferramenta útil durante o processo de investigação conduzido pela polícia.

Analisando a aplicação do desenho à investigação criminal, é possível encontrar um conjunto de registos dentro do processo penal que indiciou Leo Frank como o principal suspeito associado à morte de Mary Phagan. Neste documento apresenta-se toda a informação recolhida sobre o caso, destacando uma secção de provas – denominada de “State's Exhibit”, entre as quais se encontra uma perspectiva isométrica referente à fábrica de lápis (Fig. 4).

Diante da imagem é possível compreender a estrutura arquitectónica do edifício, dividida em três andares, e a marcação do percurso que desencadeou a morte de Phagan. Numerado de um a quinze, este inicia-se no gabinete de Leo Frank (1) – o local onde a vítima recebe o ordenado, e termina na cave (15) onde o corpo é encontrado pela polícia.

Ao longo da trajetória, o desenho concentra-se na reconstituição do crime suportada pelos vestígios que indiciam a cronologia do evento e procuram encontrar a lógica estabelecida entre o princípio e o fim da jornada. Para acompanhar a leitura do desenho é vetado o acesso à legenda, tornando o entendimento da representação pouco perceptível, compreende-se, no entanto, que a história reportada se remete à defesa e comunicação gráfica de uma versão dos factos.

Ainda referente à sua análise, salienta-se a presença de três fotografias que se sobrepõem ao desenho e permitem documentar e associar o registo de duas fechaduras e outro elemento imperceptível (possivelmente utilizados como elemento de prova) ao respectivo local onde se inserem. O destaque destas imagens, ligadas ao desenho por intermédio de setas, permite perceber e subsidiar a lógica por detrás do percurso, que pressupõe a transposição destas barreiras pelo homicida. A relação destas fotografias com o espaço sugere a orientação do percurso realizado entre o escritório e a cave, validando a importância do desenho, não só como uma ferramenta útil durante o processo de dedução e associação de provas na reconstrução do crime, mas também como um elemento fundamental na exposição e defesa da teoria reafirmada pelo estado.

Perante esta noção, sublinha-se a importância do desenho como elemento comunicativo e explanador de conjecturas e refutações resultantes da investigação judiciária. Inserido na abordagem desta problemática salienta-se um caso no qual a presença desta ferramenta procurou compreender e comunicar as evidências resgatadas durante o processo investigativo.

O assassinato de John F. Kennedy originou uma série de teorias e conspirações que cogitaram a morte do líder americano. Por entre as inúmeras histórias que permanecem até hoje associadas a este incidente, subsistem os desenhos que serviram de palco à reconstrução do crime.

A 22 de Novembro de 1963, o desfile presidencial em Dallas assinalava a morte do presidente dos Estados Unidos. A projecção dos três disparos,

Fig. 6 Dale Mayers, modelo tridimensional utilizado para documentar o local onde ocorreu o homicídio de John Kennedy, 2003.



#5

entre os quais se destaca a bala que interceptou a cabeça e atestou o óbito de John Kennedy, desencadearam o princípio de uma investigação envolta em controvérsias. Liderada por várias entidades oficiais – a polícia de Dallas, o FBI, a Warren Commission, entre outras –, estas apontavam Lee Harvey Oswald como o autor do crime, contudo o seu assassinio inesperado contribuiu para atear o clima conspiratório e levantar uma série de questões sobre o que se teria passado no dia do incidente.

Perante a impossibilidade de se explorar o testemunho do único suspeito capturado, a investigação centrou-se no momento do homicídio e nos resultados da autópsia realizada a John Kennedy. Surgem neste contexto uma série de representações gráficas – fotografias, vídeos e desenhos – que procuram estabelecer a relação entre o local, os disparos e a vítima, com vista à reconstituição do crime. Ao analisar alguns destes documentos, compreende-se que a sua manipulação pode ser determinante na apresentação dos factos, baseados em teorias e conclusões que poderão extrapolar a realidade do que é efectivamente apurado. Neste jogo de interpretação, o desenho serve muitas vezes de intermediário apto a expor o discurso implícito na recolha, análise e conclusão dos elementos que compõem a história do crime.

Este exercício de aproximação – mediado entre a informação implícita na investigação e o desenho – é notório quando se analisam as representações que documentam a extensão dos ferimentos localizados no corpo da vítima. No relatório apresentado pela Warren Commission<sup>1</sup> destaca-se um desenho que se torna crucial para o entendimento do impacto provocado pelos disparos. Segundo a avaliação da comissão, os especialistas concluíram que o presidente terá sido atingido por dois tiros com entrada na parte superior das costas. (Aguilar e Cunningham, 2011, p. 10)

A Fig.5 apresenta a informação resultante da autópsia através de um conjunto de retratos que explicitam a projecção das duas balas, identificando os respectivos pontos de entrada e saída. Com este desenho ilustra-se a conclusão reiterada pela Warren Commission: John Kennedy foi atingido

por dois tiros, cuja direcção pressupunha a localização do franco-atirador num nível superior ao da vítima e que se encontrava na sua retaguarda. Segundo esta teoria, o primeiro projectil atingiu o presidente na parte superior das costas, trespassando a garganta em direcção ao corpo do governador John Connally, enquanto a segunda penetrou a parte inferior da cabeça em direcção ao lobo occipital direito, através da qual foi expelida. (Aguilar e Cunningham, 2011, p. 10)

Esta conclusão é espelhada no desenho que, independentemente de se validar ou não a informação que o sustenta, cumpre a sua função como um documento gráfico capaz de expor a informação manifestada na análise do cadáver. A sequência composta pela representação de Kennedy, dividida em três momentos distintos, identifica a localização e extensão dos ferimentos, apontando a direcção e intercepção dos projecteis no corpo da vítima.

No encaço destas imagens, identificam-se outros exemplos que procuraram durante décadas suplantam a teoria subjacente à autópsia liderada pela Warren Commission. A avaliação dos ferimentos e a conclusão de que estes indicavam o envolvimento de Oswald como o autor dos disparos, gerou uma série de investigações complementares.

No decurso de algumas teorias questionava-se o posicionamento dos ferimentos e a direcção dos disparos, contudo, a presença de um filme amador realizado no momento do homicídio, considerado como um elemento de prova, contribuiu para a especulação do caso e o desenvolvimento de representações futuras.

Centrada na análise do crime, gera-se uma simulação do incidente a partir da película captada por Abraham Zapruder. É com base nestas imagens que Dale Mayers, procede à construção de um desenho com recurso a um software de modelação 3D (Fig. 6), cuja réplica fiel ao local do crime procura reconstituir a escala da zona envolvente, identificando três pontos chave: a curva situada entre a Houston Street e a Elm Street – na qual se registaram os disparos que vitimaram o presidente e o edifício onde estaria localizado o franco-atirador

PSIAX

<sup>1</sup>A Warren Commission, também referida como The President's Commission on the Assassination of President Kennedy, consiste numa entidade governamental criada com o objectivo de investigar o assassinato do presidente dos Estados Unidos da América - John F. Kennedy. Inaugurada em 1963 pelo presidente Lyndon B. Johnson, o sucessor de Kennedy, esta propunha-se a avaliar as evidências reunidas pelo FBI, assim como a restante

informação relacionada com o caso, com o objectivo de reportar as suas conclusões ao público, desmistificando eventuais teorias conspiratórias.

Fig. 7 Dale Mayers, reconstituição do crime, 2003.



04

– The Texas School Book Depository, e a zona ajardinada onde se encontrava Zapruder.

Uma vez delineado o cenário, Mayers desenvolve uma animação centrada no percurso que vitimou o presidente, cujo desenho se sobrepõe à película de Zapruder, e reproduz frame a frame a deslocação do carro. Na Fig. 7 documenta-se o processo de interpenetração mediado entre os diferentes suportes – o vídeo original e o desenho que sustenta a animação – e reconstitui-se o momento dos disparos. Ao analisar a sequência de frames, localiza-se em primeiro lugar a posição de Zapruder, a partir da qual se define a montagem rigorosa do desenho, fiel ao ponto de vista fornecido pela lente da sua câmara de filmar. Após se fixar o registo do seu posicionamento é possível interligar os diferentes elementos que compõem a acção: o local, o carro e as vítimas – John Kennedy e John Connally. É com base nestes elementos que se procurou aprofundar as trajectórias definidas pelos projecteis e os efeitos provocados nas vítimas.

Ainda antes de se explorar digitalmente o desenrolar do evento, Mayers foca a importância de alguns frames na construção do desenho. O aparecimento do presidente no vídeo, registado no frame 133, marca o início da acção. Inaugura-se deste modo a sequência de disparos desencadeada por uma bala perdida, assinalada no frame 160. Ao ouvir o primeiro disparo, John Connally (posicionado no banco dianteiro do carro em frente a Kennedy) reage, voltando a cabeça para a direita, no sentido de tentar identificar a direcção do projectil. À medida que a marcha prossegue, o carro é momentaneamente obliterado por uma placa de sinalização, reaparecendo na altura em que se dá o segundo disparo. Para Mayers este momento torna-se crucial na reconstituição do assassinato. A bala que interceptou o presidente trespassa o seu pescoço

e acaba por atingir o governador nas costas. Este facto é subsidiado pela investigação levada a cabo pela Warren Commission e assinalado por Mayers entre o *frame* 223 e 224. Segundo o especialista, é possível identificar a interceptação da bala no corpo de Connally através do movimento do casaco que é impulsionado pelo embate da munição.

The car disappears for a moment. You see governor Connally emerge from behind the sign and he's not appear to be injured. Next frame 223 you see the white shirt, you can see his jacket, you can see a little bit of a grey area where his tie is and something happens between frame 223 and 224. We can really pinpoint the moment that the bullet strikes. Watch the jacket, you notice a change of shape, that's almost if the jacket pop up a little bit. (Peter Jennings Reporting: *The Kennedy Assassination - Beyond Conspiracy*, 2003)

Com base nesta informação, Mayers simula a projecção do segundo disparo, assinalando o seu ponto de entrada, situado no pescoço do Kennedy, e o de saída, situado no peito de Connally. Associando os ferimentos entre ambas as vítimas é ainda possível traçar uma linha que intersecta dos dois corpos e se projecta na janela do edifício onde se encontrava o franco-atirador. Este exercício demonstra, uma vez mais, o potencial do desenho enquanto simulador e comunicador do discurso intrínseco à investigação de alguns crimes. A criação deste tipo de imagens, utilizadas actualmente no contexto judiciário, permite subsidiar a informação recolhida e consolidada na averiguação de determinados delitos.

Avaliando a sua presença neste caso em concreto, o desenho assume-se como uma demonstração gráfica capaz de representar a teoria mencionada no relatório divulgado pela Warren

Commission. A sua concretização permite visualizar e compreender o que se passou no dia em que John F. Kennedy foi assassinado. Aliando a análise do vídeo produzido por Zapruder ao rigor implícito na construção da modelação 3D, o desenho permite reconstituir graficamente a história do crime, contudo, a sua utilização no âmbito das ciências forenses pode assumir diferentes formas e propósitos consoante o tipo de crime a que se dirige. Dependente de uma matriz específica e orientada no auxílio de determinados delitos, o desenho detém a capacidade de se moldar e adaptar às exigências e necessidades intrínsecas da investigação criminal.

Diante das inúmeras possibilidades de registo, cabe ao perito adaptar as potencialidades do desenho às características vigentes em cada incidente, com o objetivo de otimizar as qualidades gráficas necessárias para que este cumpra devidamente a sua função. O desenvolvimento das competências técnicas torna-se indispensável para se obter uma boa avaliação em cada caso de estudo, uma vez que o desenho se sustenta a partir de uma consciência e um compromisso com a história do crime.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilar, Gary L.; Cunningham, Kathy. *How five investigations into JFK's medical/autopsy evidence got it wrong* [Em linha] [s.l.: s.n.] 2011. [Consult. 30 Abr. 2021]. Disponível em [www: https://history-matters.com/essays/jfkmed/How5Investigations/How5InvestigationsGotItWrong.htm](http://www.history-matters.com/essays/jfkmed/How5Investigations/How5InvestigationsGotItWrong.htm)
- Obenhaus, Mark (director). (2003). *Peter Jennings Reporting: The Kennedy Assassination - Beyond Conspiracy* [DVD]. EUA: ABC News.
- Associated Press. (1913, Abril 28). «J. M. Gantt Is Arrested on His Arrival in Marietta; He Visited Factory Saturday». *The Atlanta Journal*, XXXL (64), 1-8.
- Smith, Ryan – *CSI old Virginia: Scenes of murder and mayhem in the local government records collection* [Em linha] [s.l.: s.n.] 2011. [Consult. 30 Abr. 2021]. Disponível em [www: https://uncommonwealth.virginiamemory.com/blog/2011/06/15/csi-old-virginia-scenes-of-murder-and-mayhem-in-the-local-government-records-collection/](http://www.uncommonwealth.virginiamemory.com/blog/2011/06/15/csi-old-virginia-scenes-of-murder-and-mayhem-in-the-local-government-records-collection/)
- Massironi, Manfredo – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições Setenta. 1982.

#### MARINA VALE DE GUEDES

Nasceu em 1986 na cidade do Porto. Concluiu o curso de Artes Plásticas - Pintura (2009), o mestrado de Desenho e Técnicas de Impressão (2011) e o Doutoramento em Arte e Design (2018) na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Encontra-se neste momento a lecionar duas U.C.s de Desenho na Universidade do Minho.

*Born in 1986 in the city of Porto. She completed her degree in Plastic Arts - Painting (2009), her Master in Drawing and Printing Techniques (2011) and her PhD in Art and Design (2018) at the Faculty of Fine Arts of the University of Porto. He is currently teaching two drawing curricular units at the University of Minho.*